

Baleia Jubarte é encontrada morta por técnicos dos projetos Marola e (A)mar na Praia dos Lençóis, litoral de Una, Sul da Bahia.

Uma baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) foi encontrada morta na manhã de segunda-feira (24/07/17) na Praia dos Lençóis (Município de Una), litoral sul da Bahia. O animal foi avistado por populares que acionaram o Instituto Marola e o Projeto (a)mar, ambos atuam com conservação marinha na região Sul da Bahia, monitorando praias entre Serra Grande, Olivença e entorno. Os especialistas dos projetos, Rian Pereira da Silva (Oceanógrafo), Stella Tomás (Bióloga) e Wellington Laudano (Médico Veterinário) foram no local do encalhe e identificaram uma fêmea de aproximadamente 10 metros de comprimento com algumas escoriações e hematomas na região da mandíbula. A causa da morte ainda era desconhecida.



De acordo com os especialistas, esse é o segundo registro de encalhe de Jubarte em 2017 na região entre Marau e Una, e sexto no estado da Bahia. Encalhes desta espécie são comuns no litoral brasileiro neste período, pois as Jubartes migram das Ilhas Geórgia do Sul, EUA para o litoral da Bahia normalmente entre julho e outubro, em busca das águas mais quentes para reprodução. Durante a migração alguns animais morrem por enfermidades, colisões com embarcações e emalhes acidentais em redes de pesca.

Fontes da informação e fotos: Instituto Marola / Projeto (a)mar

Entrevista: Rian Pereira da Silva

SISS-Geo auxilia o monitoramento de animais marinhos em projetos de pesquisa

CISS - Quais foram as ações após o aparecimento da baleia na praia de Lençóis?

Rian - Como já fizemos monitoramento voluntário anteriormente, fomos avisados pelos moradores da região e nos dirigimos ao local. A ocorrência foi comunicada ao Ibama e a informação circulou por canais de comunicação (blogs) e mídia dando repercussão ao fato. O registro e fotos foi enviado pelo aplicativo do SISS-Geo (Sistema de Informação em Saúde Silvestre).

CISS - Qual a importância do monitoramento da baleia Jubarte e outros animais marinhos?

Rian - O monitoramento permite o levantamento dos tipos de espécies que ocorrem na nossa zona costeira bem como a sua distribuição sazonal e espacial e, quando possível, determinar a causa da morte.

CISS - Qual a contribuição do SISS-Geo para o monitoramento marinho?

Rian - O uso do aplicativo SISS-Geo permite monitorar a saúde de animais silvestres e, em especial, os animais marinhos neste caso. O aplicativo permite realizar o registro fotográfico e a sua localização em imagens de satélite, possibilitando desta forma a distribuição espacial das ocorrências. Todas as ocorrências fazem parte de um banco de dados que possibilita fazer análises mais detalhadas e consequentemente entender as prováveis causas de aparecimentos de animais marinhos vivos, debilitados ou mortos. Como ferramenta de gestão, assim como o Instituto Marola, outras ong's como o Projeto (a)mar, fazem comparações de levantamentos com as ocorrências no SISS-Geo.



Rian Pereira da Silva é oceanógrafo, mestre em geociências e doutor em geologia. Nasceu em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) e em Olivença (Ilhéus-BA) onde reside, atua como Diretor Presidente do Instituto Marola. Rian usa o SISS-Geo para auxiliar seu trabalho e em 2016 foi o segundo colaborador com mais registros enviados em todo o Brasil.



Clique no botão ao lado para visualizar este e outros registros no mapa online

Registros de primatas no SISS-Geo contribuem para vigilância de epizootias no Brasil

O aumento do número de casos de Febre Amarela em 2017 despertou a atenção das autoridades em saúde do País. Combatida por Oswaldo Cruz no início do século 20 e erradicada dos grandes centros urbanos desde 1942, a doença voltou a assustar os brasileiros, com a proliferação de casos de febre amarela silvestre nos últimos meses.

Esta zoonose, que no seu ciclo silvestre circula entre primatas, é monitorada pelo Sistema de Vigilância de Epizootias em Primatas Não Humanos (PNH) do Ministério da Saúde. O sistema é responsável por captar informações sobre adoecimento ou morte de PNH e investigar adequadamente esses eventos, com a finalidade de subsidiar a tomada de decisão para a adoção de medidas de prevenção e de controle.

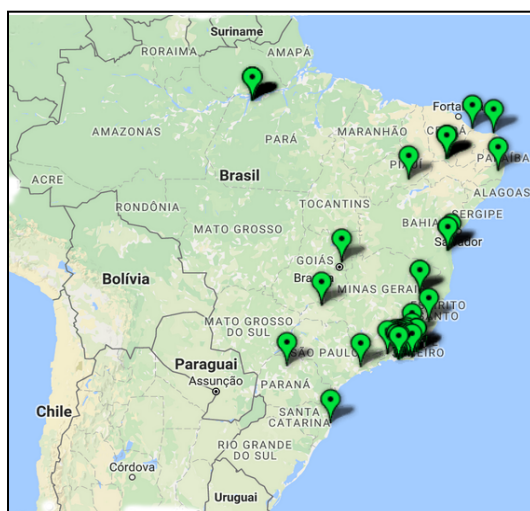
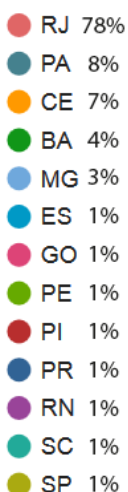
Tendo em vista a importância de se aliar o controle sanitário e à conservação ambiental para monitorar a Febre Amarela, entre outras doenças zoonóticas, o Sistema de Informação em Saúde Silvestre da Fiocruz contribui como ferramenta de apoio para a vigilância de epizootias oferecendo dados para setores responsáveis e também para especialistas.

As informações registradas no SISS-Geo, são armazenadas em bancos de dados que se relacionam com mais de 30.000 camadas temáticas (ambientais censitárias, sociais, econômicas, agropecuárias, climáticas, entre outras), adquiridas de diferentes instituições governamentais brasileiras e estrangeiras, para a construção de modelos computacionais baseados em dados para previsão de zoonoses. A partir do registro de um animal morto, doente ou com comportamento anormal, o sistema o identifica automaticamente e gera alerta em tempo real. O fato é comunicado ao setor governamental responsável para que sejam tomadas providências.

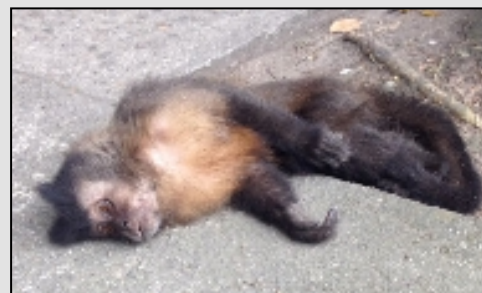
De outubro de 2016 à agosto de 2017, 109 registros de primatas foram enviados por colaboradores ao SISS-Geo, em 13 estados brasileiros (mapas abaixo). Destes 71,9% estavam vivos e 28,1% mortos.

Entre os registros enviados encontram-se as espécies: *Callithrix jacchus*, *Callithrix aurita*, *Callithrix penicillata*, *Sapajus nigritus*, *Alouatta guariba clamitans*, *Leontopithecus rosalia*, *Callicebus cinerascens*. O Centro de Informação em Saúde Silvestre da Fiocruz contribui com a vigilância de epizootias comunicando a ocorrência de registros aos respectivos órgãos: Patrulha Ambiental, Vigilância Ambiental e Secretarias de Saúde.

Fontes da matéria: [Portal Fiocruz - Febre Amarela](#), [Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela / Ministério da Saúde](#), [Secretaria de Vigilância em Saúde](#)



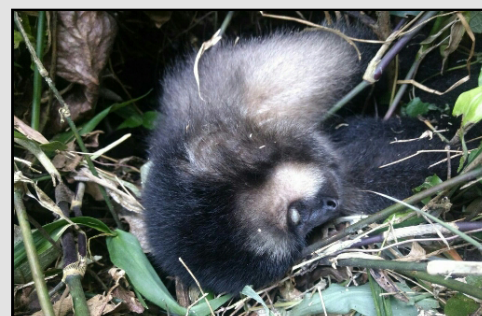
Registros primatas não humanos enviados pelos colaboradores do SISSGeo



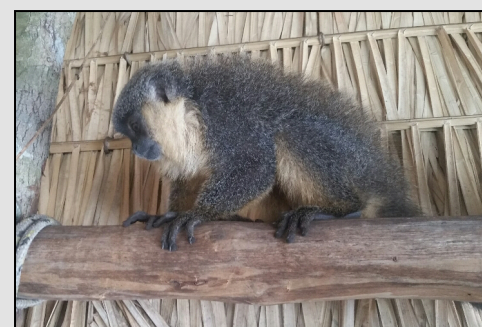
Registro enviado do Rio de Janeiro por Gabriela Heliodoro em setembro/2017



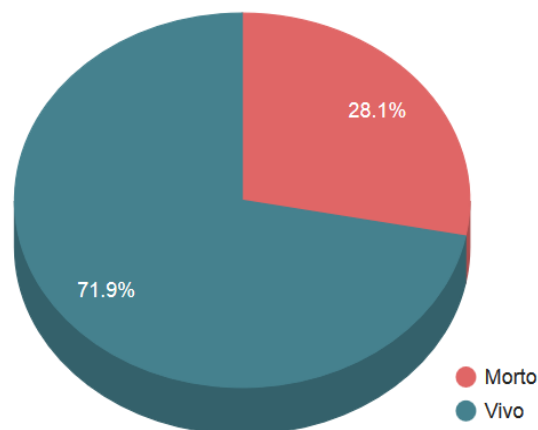
Registro enviado de Santarém - PA por Jadson Caetano Azulay em julho/2017



Registro enviado da Pedra do Sino - RJ por Pheterson Godinho em maio/2017



Registro enviado de Santarém - PA por Aladilson Assunção em março/2017





Febre amarela silvestre no contexto das mudanças ambientais

Livia Abdalla e Marcia Chame

Após a entrada do vírus da Febre Amarela no Brasil nos anos 1600, a transmissão entre mosquitos e primatas se dispersou pelo País e a doença se estabeleceu de forma endêmica na Amazônia. Nesta região, em razão da alta cobertura vacinal, se observa casos isolados em indivíduos residentes ou visitantes não vacinados. Na região extra-Amazônica a febre amarela se apresenta em surtos precedidos de epizootias, em ciclos irregulares, e se dispersou nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do País.

O recente evento epidêmico da doença teve como ponto de dispersão as regiões de Goiás e Tocantins, com registros a partir de julho de 2014, seguindo nos sentidos sul e sudeste do país, quando afetou as áreas de fragmentos florestais e matas de galerias do centro-oeste de Minas Gerais, com registros oficiais de epizootias a partir de outubro de 2016. Os registros foram progressivamente e, em curto período de tempo, acrescidos de novos casos atingindo em ordem cronológica: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro. Estes estados tiveram a maior representatividade (99% dos casos confirmados – Informe COES – Febre Amarela nº 43/2017) no recente evento epidêmico, que alcançou o status de maior surto de febre amarela nas últimas décadas.

A emergência de doenças oriundas de animais silvestres está fortemente associada às alterações ambientais, incluindo mudanças climáticas, impactos naturais e antropogênicos (Estrada-Peña et al, 2014). As alterações ambientais que promovem a fragmentação e o isolamento dos ecossistemas naturais são as principais causas da perda da biodiversidade, pois resultam na perda de habitats e na simplificação/redução da diversidade biológica dos ecossistemas. Estudos recentes mostraram o efeito de diluição da biodiversidade na modulação, dispersão e dinâmica de transmissão de

patógenos especialmente nas doenças transmitidas por artrópodes (Keesing et al., 2006; Xavier et al., 2012; Poulin & Forbers, 2012, Stephens et al., 2016).

A transmissão da Febre Amarela Silvestre (FAS) é complexa, pois envolve centenas de espécies de hospedeiros e mosquitos vetores. Dentre as condições ambientais relacionadas e que podem ter favorecido a rápida transmissão no sentido Sul e Sudeste do país, algumas hipóteses podem ser aventadas, dentre elas a fragmentação de habitats naturais, promovida principalmente pela ação antrópica; as mudanças climáticas regionais, favorecendo o aumento populacional de vetores; mudanças genéticas no vírus, alterando o papel de espécies hospedeiras e vetores na transmissão; alterações populacionais de primatas e, possivelmente, de outras espécies nas áreas afetadas; dentre outras hipóteses.

As regiões do Sudeste nas quais ocorrem o atual surto de febre amarela são áreas de Mata Atlântica ou de transição Mata Atlântica-Cerrado. Historicamente estas fitofisionomias passaram por intenso processo de degradação da vegetação, mas se mantém em pequenas e médias porções de fragmentos florestais (Fundação SOS Mata Atlântica, 2015). Apesar do período de reversão na tendência de queda do desmatamento nos últimos anos, no período de 2015-2016 o desmatamento, de acordo com os estudos da SOS Mata Atlântica (2017), cresceu 60% em um ano. Isso significa a perda de 29.075 ha de mata nos dezessete estados do bioma – o que representa aumento de 57,7% em relação ao período anterior (2014-2015). Os índices de 2015-2016 são comparáveis ao período de 2005 a 2008, último período epidêmico da febre amarela (2007-2009). Neste estudo, os quatro estados do Sudeste com surto de febre amarela totalizaram 8.475 ha de desmatamento, 29% do desflorestamento total da Mata Atlântica no período, incrementado

pela produção agropecuária, produção de carvão e conversão das áreas florestadas em áreas de monoculturas de eucalipto. O desmatamento gera impactos negativos para os primatas (dos gêneros *Callithrix*, *Alouatta*, *Cebus*, *Ateles*, *Aotus*, *Saimiri*, *Sapajus*) que sobrevivem nessas pequenas porções florestais, como por exemplo: a concentração de indivíduos, o que favorece a transmissão do vírus pelos vetores; a competição intra e interespecífica e o estresse promovido pela limitação de alimentos, espaço, entre outros recursos vitais, que atrelados podem promover a alteração da imunidade individual, tornando-os suscetíveis às infecções; a dispersão para outras áreas em busca de melhores condições, o que pode aumentar o estresse e a dispersão viral.

As alterações no regime de chuvas e temperaturas, provocadas pelas mudanças climáticas regionais, interferem diretamente na vida silvestre. No ciclo de transmissão da febre amarela, chuvas isoladas e temperaturas elevadas favorecem a reprodução e disseminação dos principais gêneros de mosquitos transmissores da Febre Amarela Silvestre, *Haemagogus* e *Sabethes*, que habitam áreas de mata fechada ou as bordas das matas e depositam seus ovos em cavidades de troncos de árvores e em bromélias, que acumulam água das chuvas. A temperatura elevada favorece a replicação viral nos vetores, o que contribui para altas taxas de carga viral tanto nos mosquitos quanto nos primatas, tornando-os amplificadores (Almeida et al, 2016). Nos ambientes naturais ainda se faz necessário a identificação do papel de cada espécie de primata na manutenção do vírus na natureza, bem como de outras espécies como preguiças, morcegos, marsupiais e eventualmente ainda outros mamíferos.

Além do desmatamento e das mudanças climáticas, outros fatores podem estar relacionados à dinâmica do surto recente de Febre Amarela Silvestre. Estudos recentes mostram a emergência de novas alterações genéticas no vírus, além

da transmissão transovariana do vírus (Bonaldo et al, 2017; Almeida et al, 2016; De Souza et al, 2010). Deve-se considerar também a necessidade de estudos aprofundados do impacto da introdução de espécies exóticas invasoras, como é o caso do *Callithrix jacchus*, que por sua capacidade de dispersão e colonização de ambientes antropizados podem ampliar a velocidade e área de circulação do vírus.

Em síntese, observa-se que nas regiões onde o surto iniciou as condições ambientais ofereceram extensas áreas com fragmentos florestais irregulares, menores que 5 ha e próximos entre si, elevação das temperaturas médias observadas em 2016, com incremento de 0.6 a 1.5°C (INMET, 2017), anormalidade no período seco, seguido de chuvas isoladas no fim de 2016 e início de 2017, populações de primatas e mosquitos habitantes dos fragmentos e proximidade de populações humanas e suas atividades.




Apesar das evidências da convergência destes fatores para a inauguração do atual evento epidemiológico, muitas lacunas e perguntas ainda faltam ser respondidas para a compreensão da rapidez e da extensão alcançada pelos casos de Febre Amarela Silvestre no sudeste do País. Dentre elas, vale o aprofundamento na investigação da evolução filogenética do vírus; no papel das espécies hospedeiras na manutenção e amplificação viral e sua dinâmica de dispersão entre os fragmentos florestais; a compreensão do efeito da fragmentação florestal e das mudanças climáticas nos habitats das espécies integrantes ao ciclo da febre amarela; a construção de modelos de previsão sobre a dinâmica de distribuição geográfica da febre amarela e outras arboviroses. A partir dessas pesquisas será possível identificar/confirmar as condições ambientais favoráveis à infecção, prever os caminhos de disseminação da doença, apoiar as tomadas de decisão políticas e direcionar os esforços de vigilância e imunização das populações humanas nas regiões mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, P.S.; Silva, J.O.; Ramos, E.P.; Batista, P.M.; Faccenda, O.; De Paula, M.B.; Monteiro, A.O.; Mucci, L.F. Vector aspects in risk areas for silvatic yellow fever in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Rev. Patol. Trop.* 45 (4):398-411, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/download/44602/22046>
- Bonaldo, M C; Gómez, M.M.; Santos, AAC; Abreu, FVS; Ferreira-De-Brito, A; Miranda, RM; Castro, MG; Oliveira, RL. Genome analysis of yellow fever virus of the ongoing outbreak in Brazil reveals polymorphisms. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*,112 (6): 447-451, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S007402762017000600447&lng=en&nrm=iso
- De Souza, R. P., Foster, P. G., Sallum, M. A. M., Coimbra, T. L.M., Maeda, A. Y., Silveira, V. R., Moreno, E. S., da Silva, F. G., Rocco, I. M., Ferreira, I. B., Suzuki, A., Oshiro, F. M., Petrella, S. M.C.N., Pereira, L. E., Katz, G., Tengan, C. H., Siciliano, M. M. dos Santos, C. L.S. Detection of a new yellow fever virus lineage within the South American genotype I in Brazil. *J. Med. Virol.* 82: 175–185, 2010. doi:10.1002/jmv.21606
- Estrada-Peña, A.; Ostfeld, R. S.; Peterson, A. T; Poulin, R.; Fuente, J. Effects of Environmental change on zoonotic disease risk: an ecological primer. *Trends in Parasitology*, 30 (4):205-214, 2014. Disponível em: [http://www.cell.com/trends/parasitology/abstract/S1471-4922\(14\)00032-4](http://www.cell.com/trends/parasitology/abstract/S1471-4922(14)00032-4)
- Fundação SOS Mata Atlântica. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período 2015-2016. São Paulo. 2017. 69p.
- Fundação SOS Mata Atlântica. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período 2013-2014. São Paulo. 2015. 60p.
- INMET – Instituto Nacional de Meteorologia. Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa. Anomalias de temperaturas médias 2016. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br>.
- Keesing, F.; Holt, R. D; Ostfeld, R. S. Effects of species diversity on disease risk. *Ecology Letters*, 9: 485-495, 2006.
- Poulin, R.; Forbes, M. Meta-analysis and research on host-parasite interactions: past and future. *Evol. Ecol.* 26:1169-1185, 2012.
- Stephens, P.R; Altizer, S.; Smith, K.F., Aguirre, A.A.; Brown, J.H., Budischak, S.A.; Byers, J.E.; Dallas, T.A.; Davies, T.J., Drake, J.M., Ezenwa, V.O.; Farrell, M.; Gittleman, J.L., Han, B.A.; Huang, S.; Hutchinson, R.A.; Johnson, P.; Nunn, C.L.; Onstad, D.; Park, A; Vazquez-Prokopec, G.M.; Schmidt, J.P., Poulin, R. The macroecology of infectious diseases: a new perspective on global-scale drivers of pathogen distribution and impacts. *Ecology Letters*, 2016, 13p. doi: 10.1111/ele.12644 Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/304609813>
- Xavier, S. D. C.; Roque, A. L. R.; Lima, V. S.; Monteiro, K. J. L., Otaviano, J. C. R. Lower Richness of small wild mammals species and Chagas disease risk. *PLoS Neglected Tropical Diseases*, 6 (5):1-11, 2012. Disponível em: <http://www.plosntds.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pntd.0001647>

Haemagogus, Sabethes e Aedes aegypti: semelhanças e diferenças

Serviço de Jornalismo e Comunicação / Instituto Oswaldo Cruz - IOC

	 Haemagogus Fiocruz imagens, Foto: Josué Damacena	 Sabethes Fiocruz imagens, Foto: Raquel Portugal	 Aedes aegypti Fiocruz imagens, Foto: Raquel Portugal
Habitat	Ambiente silvestre, como matas (copa das árvores) ou na periferia das florestas	Ambiente silvestre, como matas (copa das árvores)	Ambiente urbano e periurbano (em torno das residências)
Aparência	<i>Haemagogus leucocelaenus</i> : castanho-escuro preto, sem listras brancas nas patas; <i>Haemagogus janthinomys</i> : corpo brilhoso e colorido	Colorido metalizado, com tons violeta, roxo, azul e verde (dependendo da espécie)	Preto com listras brancas no tórax e nas patas
Hábito	Diurno, com maior atividade para picadas entre meio-dia e o pôr do sol	Diurno, com maior atividade para picadas entre meio-dia e o pôr do sol	Diurno, com maior atividade para picadas no começo da manhã e no final da tarde, mas também pode picar à noite
Distância de voo	A espécie <i>Hg. leucocelaenus</i> pode voar por cerca de 6 km	Não é conhecida	Voar usualmente num raio de 40 a 50 metros. Pode atingir até 600 metros, caso precise
Alvo preferencial	Macacos mas pode picar humanos	Macacos mas pode picar humanos	Humanos
Transmissão do vírus da Febre Amarela	Somente a fêmea transmite. Responsável pela transmissão no ciclo silvestre	Somente a fêmea transmite. Responsável pela transmissão no ciclo silvestre	Somente a fêmea transmite. Responsável pela transmissão no ciclo urbano.
Criadouros e oviposição	Deposita os ovos na parede interna de ocos das árvores e bambus, próximo à lâmina d'água	Coloca os ovos diretamente sobre a superfície da água acumulada em ocos das árvores e bambus	Deposita os ovos na parede interna do criadouro, próximo à lâmina d'água. Tem preferência por ambientes artificiais, comuns no ambiente urbano: pneus, caixa d'água, bandeja de ar condicionado, vaso de planta, ralos, dentre outros
Resistência dos ovos	Ficam viáveis para eclosão por cerca de quatro meses em ambientes secos	Precisam entrar em contato com a água logo após a postura. Não resistem em ambientes sem água	Ficam viáveis para eclosão por cerca de um ano em ambientes secos
Ciclo de vida (da eclosão do ovo à fase adulta)	7 a 10 dias	Cerca de um mês	7 a 10 dias
Tempo de vida (na fase adulta)	Cerca de 30 dias	Ultrapassa meses após atingir a idade adulta	Cerca de 30 dias

Fiocruz conclui na Amazônia e Bahia projeto 'Saúde silvestre e inclusão digital'

Agência Fiocruz

A equipe do Programa Institucional Biodiversidade e Saúde Silvestre (PIBSS) da Fiocruz realizou a última fase do projeto Saúde silvestre e inclusão digital: a participação comunitária no monitoramento da biodiversidade na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no Pará, e nos municípios de Uruçuca, Ilhéus e Itacaré, no sul da Bahia. O objetivo desta etapa foi identificar tomadores de decisão locais para engajá-los na busca de caminhos para a melhoria da qualidade de vida e da saúde e para a conservação da biodiversidade.

O projeto identificou nos territórios estudados a percepção das pessoas sobre o risco da transmissão e emergência de zoonoses advindos da biodiversidade e os diversos fatores ambientais, sociais e conjunturais que favorecem a transmissão de doenças.

A equipe levou às comunidades locais a proposta de monitoramento da fauna silvestre com participação cidadã, com a formação de colaboradores comunitários no uso do aplicativo SISS-Geo (Sistema de Informação em Saúde Silvestre). O treinamento permitirá a avaliação e melhoramento do app para uso em áreas vulneráveis e distantes.



Pará

Ao longo de 17 dias de trabalho, foram percorridos 2.195 km em embarcação pelos rios Tapajós e Arapiuns. Neste percurso foram realizadas 53 oficinas em 27 comunidades-polo ribeirinhas e indígenas, com a participação de cerca de 1500 pessoas. Os resultados do projeto foram compartilhados com especialistas, ONGs e instituições parceiras durante o seminário Biodiversidade e Saúde na Resex Tapajós-Arapiuns: desafios para a conservação e a qualidade de vida, realizado no auditório da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em Santarém. O encerramento do projeto na Resex Tapajós-Arapiuns aconteceu na sede do Centro Experimental da Floresta Ativa (Cefa), do projeto Saúde Alegria, na comunidade do Carão (PA), em 30 de junho.



Sul da Bahia

No sul da Bahia, foram realizadas oficinas e rodas de conversa com agentes da saúde indígena e agentes comunitários de saúde, que residem em comunidades tradicionais e quilombolas no entorno e no interior do Parque Estadual Serra do Conduru.

Guardas-parque de unidades de conservação da região, profissionais de saúde, professores, líderes comunitários, estudantes de graduação e pós-graduação e agentes do Batalhão Florestal da Bahia discutiram a importância da saúde silvestre para a saúde humana em quatro cursos, com cerca de 200 participantes.

O encerramento do projeto aconteceu com um sarau em Uruçuca, em 9 de julho.



Reconhecimento

Três colaboradores do Pará e três da Bahia se destacaram com o maior número de registros de animais silvestres enviados pelo aplicativo SISS-Geo e foram premiados com um certificado de reconhecimento. Gerente do projeto no Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), Alexandre Ferrazoli integrou a equipe na expedição do rio Arapiuns (PA).

“Durante dois anos e meio eu acompanhei com muito interesse este projeto e, no final, tive o prazer de fazer parte, por 14 dias, da 4ª Expedição Arapiuns. Pude vivenciar a dedicação, o profissionalismo e o carinho com que esta equipe executou o projeto. Tive o orgulho de me sentir parte desta equipe, que me fez sentir a realidade mais de perto e aprender muito”, disse Ferrazoli.

A equipe multidisciplinar composta de biólogos, médicos veterinários, antropóloga, cientistas da computação, geógrafa, profissionais de comunicação, design e administração, executou o projeto durante dois anos e sete meses. A iniciativa recebeu, em maio deste ano, o Prêmio Nacional de Biodiversidade 2017.

Fotos: André Telles

[Clique aqui para ler mais](#)

AGOSTO/
JULHO**BIODIVERSIDADE FAZ BEM À SAÚDE**
Guia Prático

O livro-guia foi construído a partir das experiências vividas em muitos trabalhos de campo, nas oficinas com as comunidades, rodas de conversa e palestras realizadas durante o Projeto “Saúde Silvestre e Inclusão Digital: a participação de comunidades no monitoramento e na aplicação de boas práticas para o controle e prevenção de zoonoses emergentes”.



JULHO

CERTIFICAÇÃO DE TECNOLOGIA SOCIAL

O Sistema de Informação em Saúde Silvestre (SISS-Geo) da Fiocruz foi uma das 173 iniciativas certificadas pela Fundação Banco do Brasil em 2017, entre 735 inscritas. Em sua nona edição, a premiação da Fundação Banco do Brasil tem o objetivo de levantar projetos sustentáveis que possam ser reaplicados em diversas comunidades.

O SISS-GEO passa a compor o Banco de Tecnologia Social (BTS) da Fundação BB, que agora conta com 995 iniciativas aptas para reaplicação.



JULHO

5a EXPEDIÇÃO - SUL DA BAHIA

A Plataforma Institucional de Biodiversidade e Saúde Silvestre (PIBSS) concluiu o projeto Saúde Silvestre e Inclusão digital: a participação comunitária no Saúde silvestre e inclusão digital nos municípios de Uruçuca, Ilhéus e Itacaré, no sul da Bahia.

O objetivo desta etapa foi identificar tomadores de decisão locais para engajá-los na busca de caminhos para a melhoria da qualidade de vida e da saúde e para a conservação da biodiversidade.



JUNHO

4a e 5a EXPEDIÇÕES - TAPAJÓS/ARAPIUNS

A Plataforma Institucional de Biodiversidade e Saúde Silvestre (PIBSS) concluiu o projeto Saúde Silvestre e inclusão digital: a participação comunitária no Saúde Silvestre e Inclusão Digital na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no Pará.

O objetivo desta etapa foi identificar tomadores de decisão locais para engajá-los na busca de caminhos para a melhoria da qualidade de vida e da saúde e para a conservação da biodiversidade.



MAIO

PRÊMIO NACIONAL DA BIODIVERSIDADE

O projeto da Fiocruz Saúde Silvestre e Inclusão Digital: participação comunitária no monitoramento da biodiversidade foi o vencedor da categoria Órgãos Públicos do Prêmio Nacional de Biodiversidade, promovido pelo Ministério do Meio Ambiente.

A segunda edição do evento foi realizada em 22 de maio de 2017, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, no dia em que se comemora o Dia Internacional da Biodiversidade.



ABRIL

OFICINA FEBRE AMARELA - Imprensa

Oficina realizada (10/4) no campus de Manguinhos, no Rio de Janeiro, informou profissionais de comunicação sobre os diversos aspectos da doença. O objetivo era capacitar os jornalistas sobre a enfermidade, já que esses profissionais são muitas vezes responsáveis por levar à população, de forma simples, informações atualizadas e apuradas corretamente.



MARÇO

TOP COLABORADOR

SISS-Geo premiou os dez colaboradores e estados brasileiros que mais enviaram registros em 2016. Desde o seu lançamento em 2014, o Sistema de Informação em Saúde Silvestre SISS-Geo totaliza 937 pessoas cadastradas. Os dez colaboradores que mais se destacaram em 2016 são do Rio de Janeiro (3), Bahia (3), Pará (3) e Pernambuco (1).



FEVEREIRO

REUNIÃO RESEX TAPAJÓS

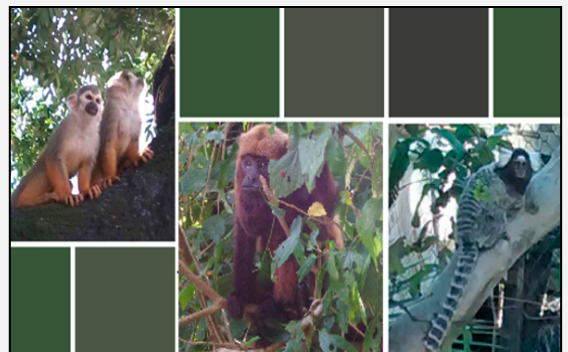
Conselho Deliberativo da RESEX Tapajós Arapiuns se reuniu para apresentar resultados de pesquisas na região. O Conselho possui 48 cadeiras (27 comunitárias e 21 não comunitárias) distribuídas entre 76 entidades titulares e suplentes (48 comunitárias e 28 não comunitárias).



JANEIRO

PAINEL FEBRE AMARELA

Em cooperação com a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, a Fiocruz realizou, um painel sobre febre amarela e monitoramento de primatas em território fluminense, devido ao recente surto da doença em estados vizinhos. O painel, que tratou do vírus, dos vetores, dos macacos, da doença e da vacina, vai discutir propostas para o fortalecimento da integração entre os diversos setores e alinhar ações para a detecção precoce de macacos mortos e intercâmbio de informações.



Seja um ator no monitoramento em Saúde Silvestre

PELO CELULAR



PELA WEB

